

MUSEO

LOGIA

COREM 2R

**MUSEOLOGIA :
VIVÊNCIAS**

RJ/MG/ES

VOLUME IX

VIV

.....

Publicação
comemorativa aos
100 anos do MHN e
90 anos do Curso de Museus



Criado pe Lei 7.287, de 18.12.1984
Regulamentado pelo Decreto n.º 91.775, de 15.10.1985

.....

DIRETORIA 2022

PRESIDENTE

Felipe da Silva Carvalho

VICE-PRESIDENTE

Célia Maria Corsino

1ª SECRETÁRIA

Paula Nunes Costa

2ª SECRETÁRIA

Isabel Maria Carneiro de Sanson Portella

TESOUREIRA

Mariana Silva Santana

COMISSÃO DE ORIENTAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Ana Paula de Souza Portugal (Presidente)
Isabel Maria Carneiro de Sanson Portella
Patricia Danza Greco

COMISSÃO DE TOMADA DE CONTAS

Paula Nunes Costa (Presidente)
Gustavo Oliveira Tostes
Josemária Gomes de Matos

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO E NORMAS

Célia Maria Corsino (Presidente)
Felipe da Silva Carvalho
Ana Paula de Souza Portugal

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Raquel de Andrade Machado (Presidente)
Mariana Silva Santana
Josemária Gomes de Matos

COMISSÃO DE FORMAÇÃO E APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

Gustavo Oliveira Tostes (Presidente)
Isabel Maria Carneiro de Sanson Portella
Patricia Danza Greco

COMISSÃO DE ÉTICA PROFISSIONAL

Célia Maria Corsino (Presidente)
Felipe da Silva Carvalho
Ana Paula de Souza Portugal

COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS

Felipe da Silva Carvalho (Presidente)
Isabel Maria Carneiro de Sanson Portella
Patricia Danza Greco

ASSISTENTE ADMINISTRATIVA

Mariana Maciel Vieira

ASSESSORIA CONTÁBIL

Proativa Contabilidade Ltda.
Gersely Monteiro da Silva (CRC-RJ 076378/O)

ASSESSORIA JURÍDICA

RFALP Advogados Associados
Yuri Lourenço (OAB-RJ 189.973)
Vinicius Penaterim (OAB-RJ 186.819)
Daniell Roriz (OAB-RJ 204.491)
Guilherme Fusaro (OAB-RJ 196.999)
Helio Arouca (OAB-RJ 100.747)

ORGANIZAÇÃO DO EBOOK

Raquel de Andrade Machado

PROJETO GRÁFICO EBOOK

Lola Vaz

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO EBOOK

Raquel Villagrán

.....

Copyright©2022

Conselho Regional de Museologia 2ª Região
Proibida a reprodução total ou parcial, e
por qualquer meio, sem a expressa autorização

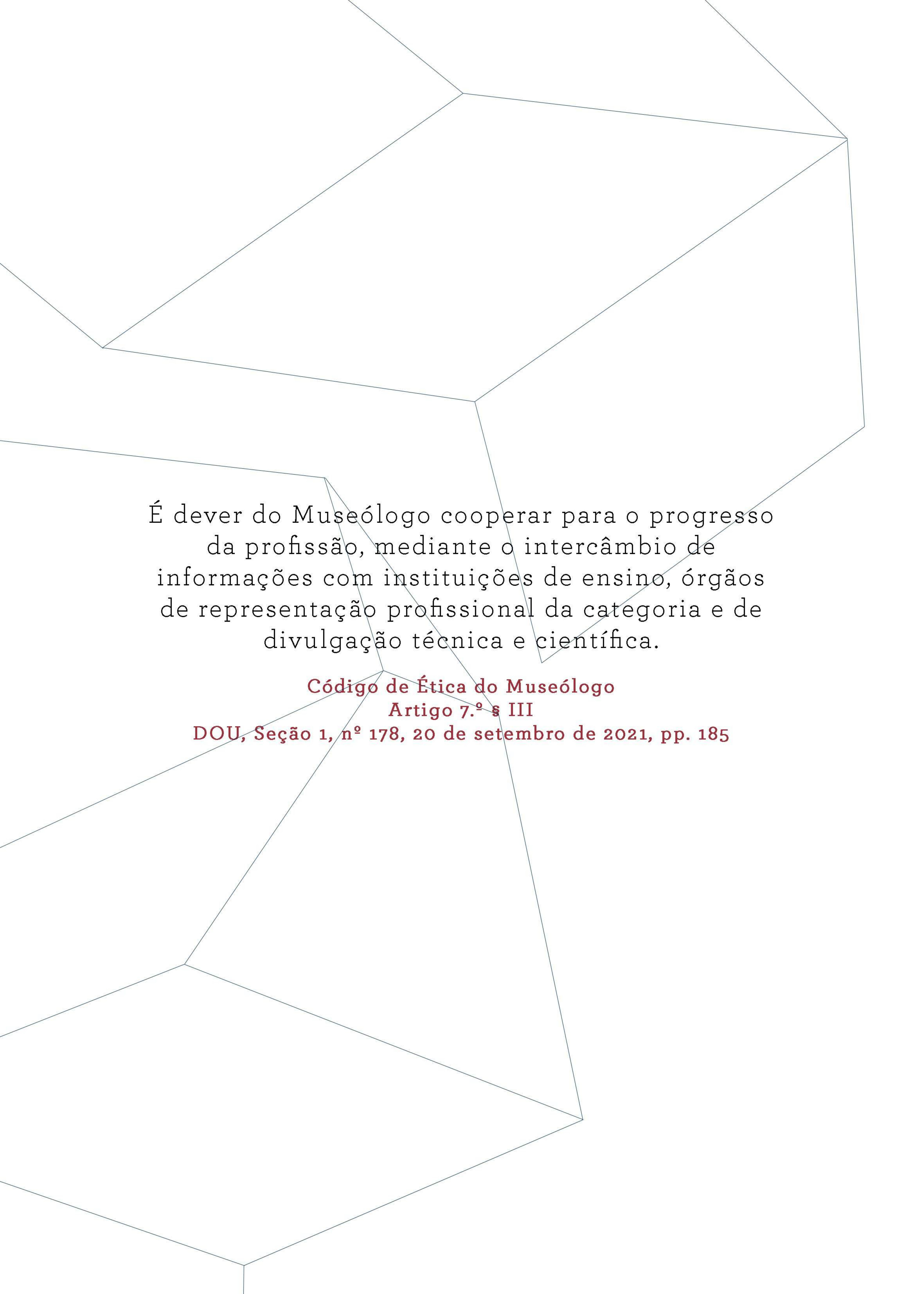
COREM 2R

**MUSEOLOGIA :
VIVÊNCIAS**

RJ/MG/ES

VOLUME IX

1ª ed. dez / 2022



É dever do Museólogo cooperar para o progresso da profissão, mediante o intercâmbio de informações com instituições de ensino, órgãos de representação profissional da categoria e de divulgação técnica e científica.

Código de Ética do Museólogo

Artigo 7.º § III

DOU, Seção 1, nº 178, 20 de setembro de 2021, pp. 185

APRESENTAÇÃO

No dia 18 de dezembro comemoramos mais uma vez o Dia do Museólogo. Neste dia em que comemoramos o “nosso dia”, quero, mais uma vez, parabenizar a todos os profissionais museólogos registrados no COREM 2R pelo seu empenho e constante trabalho.

O ano de 2022 foi um ano de importantes comemorações relacionadas às origens da Museologia no Brasil. Há 100 anos, pelo Decreto 15.596, de 02/08/1922, o Presidente Epitácio Pessoa criava o Museu Histórico Nacional - MHN para atuar nos estudos sobre a História do Brasil e reunir objetos a ela relacionados que estivessem dispersos em outros estabelecimentos oficiais. Tratava-se, assim, da criação de um museu de história de caráter nacional, voltado à preservação, pesquisa e comunicação da história oficial brasileira. Há 90 anos, em 07 de março de 1932, era oficialmente criado o “Curso de Museus” nas dependências do MHN. Foi com o objetivo de formar técnicos especializados que garantissem a conservação, documentação, exposição, mediação e fruição do patrimônio cultural brasileiro mantido neste museu que, pelo Decreto Presidencial n.º 21.129, de 07/03/1932, o Presidente Getúlio Vargas criou o Curso de Museus. Em operação ininterrupta até os dias atuais, tal curso – transferido em 1977 para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – concedia aos seus concluintes o título de *Conservador de Museus* e, a partir da transferência para o sistema universitário, o título de Museólogo. Trata-se, portanto, da primeira escola de formação profissional em Museologia do país e origem formativa e simbólica da profissão, oficialmente instituída no serviço público brasileiro a partir de 1939, com a realização, pelo Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP, do primeiro concurso público para o cargo de *Conservador de Museus*.

Logo, 2022 é um ano de rememoração de suas origens históricas para toda a classe museológica. Ano de lembrar as conquistas e avanços obtidos nesta jornada nonagenária, mas também todos os muitos desafios, incertezas, lutas e legados pessoais que nos trouxeram até aqui. Neste sentido, a nona edição do e-book “Museologia: vivências” não poderia ter outro tema que não o depoimento de profissionais que atuaram e atuam nestas instituições pioneiras para a Museologia brasileira: o Museu Histórico Nacional e a Escola de Museologia. Nas próximas páginas, museólogos e museólogas convidados pelo COREM 2R nos apresentam depoimentos inéditos sobre sua atuação profissional nestes dois espaços, compartilhando memórias; relatando conquistas, dificuldades e desafios; delineando contextos de relações pessoais e profissionais – que possibilitam compreender um pouco mais sobre esta vasta rede de agentes que configuram o campo museal.

Esta é uma forma de valorizar a atuação individual de cada profissional, mas igualmente de toda a classe de museólogos, aproximando e dando visibilidade aos profissionais que colaboram para o desenvolvimento da Museologia. Um merecido reconhecimento às ideias, aos projetos e ao incansável trabalho dos colegas da nossa Região.

Nesta edição comemorativa que tenho a honra de apresentar, não posso deixar de destacar o emocionante depoimento da Prof.^a Dr.^a Tereza Scheiner ao rememorar seus quase cinquenta anos de dedicação à docência em Museologia – iniciada ainda no Curso de Museus do MHN e responsável por parte da formação de gerações de profissionais, quer seja em nível de graduação, mestrado ou doutorado. Sua atuação no ensino, formação e profissionalização dos museólogos e museólogas sempre foi marcada pelo entendimento da Museologia enquanto campo disciplinar e profissional autônomo e pelo posicionamento ético dos profissionais de museus frente ao patrimônio e à sociedade, tomando formas combativas ou estruturantes. Também sempre esteve totalmente direcionada à profissionalização e regulamentação da profissão de museólogo(a), como forma de garantir a qualidade e verificabilidade dos preceitos éticos, científicos e metodológicos da Museologia no trato com os museus e o patrimônio cultural, natural, tangível e intangível.

Esta dedicação, ao longo de 49 anos ininterruptos, atrelada aos legados institucionais do MHN e da Escola de Museologia, nos inspiram, neste ano, à resiliência, à resistência e à construção contínua e ininterrupta do campo profissional da Museologia, cujas conquistas, saberes, cientificidade, importância e metodologias são frequentemente questionados, desvalorizados ou ameaçados. Basta saber que, neste mesmo mês em que comemoramos o Dia do Museólogo e que, em 1984 - depois de 22 anos de tentativas - logramos a regulamentação da profissão, mais um Projeto de Lei foi protocolado na Câmara dos Deputados na tentativa de desregulamentar, dentre outras, a nossa profissão, baseando-se justificativa de aumento de custos dos serviços, diminuição da competitividade e privilégio de “pessoas que cumprem requisitos tão somente burocráticos” (PL 3081/2022). Tal estruturação, nem é preciso dizer, desconsidera fatalmente toda a formação, referenciais e expertises técnico-científicas construídas ao longo dos últimos 90 anos para a Museologia, sugerindo que profissionais com qualquer outra formação superior ou não, poderiam desempenhar as mesmas funções dos museólogos e com a mesma qualidade técnica de trabalho - o que claramente sabemos não ser possível sem a formação adequada.

Ainda assim, mesmo num cenário de adversidades, inspirados pela resistência e resiliência que a Museologia brasileira e seus profissionais vêm apresentando ao longo dos anos, nós museólogos começaremos 2023 lutando mais uma vez por nossa profissão, pelo profissionalismo e pela formação em mais alto nível para aqueles que atuam frente ao patrimônio e aos museus. Por fim, nesta data tão importante, em nome de todos os Conselheiros e Conselheiras do COREM 2R, cumprimento mais uma vez a todas as museólogas e todos os museólogos pelo seu dia e anuncio, para o próximo ano, mais uma edição de um livro eletrônico que, esperamos, vá construindo aos poucos um panorama dinâmico daqueles que são os reais protagonistas do campo da Museologia no Brasil.

Boa leitura!

FELIPE CARVALHO

Museólogo COREM 2R n.º 1042-I

Conselheiro Presidente

Conselho Regional de Museologia 2ª Região





ADRIANA BANDEIRA CORDEIRO

“Vai ter vestibular no meio do ano, é pra UNIRIO, vê lá os cursos”

Foi assim que em 1991, depois de não passar pra Direito, recebi a dica de um amigo e fui buscar informações sobre a UNIRIO. Museologia pareceu interessante: tinha história e arte, não podia ser ruim, pensei. Fiz as provas, passei e comecei as aulas no antigo CCH junto à Reitoria. Foram quatro anos sensacionais, a vida universitária era muito estimulante, o ambiente da UNIRIO ampliou meus horizontes, o curso contava com grandes professores. Aprendi muito, fiz amigos para a vida e conheci o Museu Histórico Nacional. O circuito expositivo era diferente, não havia escada rolante, o Protos ficava em destaque num espaço onde hoje é o auditório, aconteciam exposições de fantasias de Carnaval... era um museu e tanto! Será que um dia eu trabalharia num lugar bacana assim?

E aí me formei. Veio o susto: e agora? Consegui estágio no Museu Nacional de Belas Artes graças a contatos do estágio curricular e por estar em outra faculdade. Foram dois anos enriquecedores até conseguir emprego num museu particular onde fiquei por 8 anos. Passei no concurso do IPHAN em 2005 e no ano seguinte parti para Brasília, minha lotação era no Departamento de Museus e Centros Culturais, o querido e inesquecível DEMU. Convivi com uma equipe maravilhosa, participei de grandes projetos e da criação do IBRAM. Em 2009 voltei ao Rio, trabalhei na CGSIM/IBRAM do Palácio Gustavo Capanema e finalmente em 2011 cheguei ao MHN. Desde então convivo com colegas incríveis e um acervo ainda mais fascinante do que eu lembrava. Estar na equipe no centenário do Museu é um presente e espero continuar colaborando com a instituição por muito mais tempo.



CELIA MARIA CORSINO

Iniciei minha vida profissional no Museu Histórico Nacional em 1973, primeiro como estagiária da Seção de História, que a época era chefiada por Sigrid Porto de Barros e logo após, em 1974, contratada como celetista pelo MEC. A carreira era de conservador de museus. Era época de poucos cursos de formação. Posso dizer que entrei no MHN pelas mãos de Celina Santos Barbosa que me chamou para uma entrevista de estágio. Ela mesmo já estava na equipe e tinham duas vagas. O Curso de Museus também era abrigado ali no MHN o que nos proporcionava uma experiência com acervo que hoje não vejo acontecer. Era nosso cotidiano ter aulas de arte naval junto das pinturas de Eduardo De Martino. Um foco importante eram as disciplinas referentes aos acervos e tínhamos tudo ali a mão para estudo.

Fiquei no Museu Histórico Nacional até 1978 quando sai para o Museu de Folclore Edson Carneiro... Creio que vivi os últimos momentos do antigo museu. D. Otávia, museóloga responsável pelas reservas, secundada por Aninha, cheia de chaves balançantes andando pelos corredores e percorrendo as reservas (a sala dela era um mistério!) Arguição, na varanda que hoje não existe mais, sobre tipologia naval quando a esquadra adentrava a Baía de Guanabara. Plantões nos finais de semana, na sala do terceiro, andar acessada pelo antigo elevador, tudo rangia e nos levava a pensar em Gustavo Barroso andando pelo Museu!! Na numismática, onde íamos pouco e era um dos lugares mais reservados do museu, Dulce Ludolf, elegantíssima sempre, desvendava as moedas. Enfim, Clóvis Bornay reclamando que as crianças faziam muito barulho na exposição! Tudo são lembranças e a certeza que aquela geração cuidou e estudou da melhor forma o acervo (os Anais do Museu são fundamentais para entendermos o espírito da época) Preparou o futuro. Cinquenta anos depois o mundo é outro e o MHN deve encontrar seu caminho nesse novo mundo. Creio estar no rumo.



Fotos de Célia Corsino e Celina Santos Barbosa no Museu Histórico Nacional. Década de 1970.



DIANA FARJALLA CORREIA LIMA

Foram 25 anos (1996-2021) lecionando na graduação do Curso de Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, instituição que abriga a Escola de Museologia. Um espaço de boas lembranças e no qual participei não só como docente do curso (bacharelado) ministrando disciplinas de: Projeto e Organização de Exposições, Documentação Museológica, Arte Contemporânea; mas também atuando como Coordenadora do Curso de Museologia (noturno). Experiências diversas que me proporcionaram permanente contato e belas trocas de vivências com o corpo discente e, do mesmo modo, deram oportunidade para compartilhar inesquecíveis diálogos acadêmico-administrativos no Colegiado da Escola com meus pares, professores de outros departamentos universitários e responsáveis por atuarem, também, nas disciplinas da grade curricular pertinentes ao nosso Curso. Considero que fui agraciada tanto numa atividade como noutra, foram momentos que contribuíram para meu aprendizado de vida, porque extrapolaram a mera perspectiva da ação profissional e tocaram o lado pessoal nas relações que, ao longo dos anos, se solidificaram. Colegas e estudantes que se tornaram meus amigos e temos mantido um relacionamento enriquecedor. É um privilégio minha vivência que envolve atuar no contexto do campo museológico na sua teoria e prática. Estou dando continuidade ao trabalho, pois desde 2006 sou docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST. A Museologia, sem dúvida, tem sido parte integrante da minha vida.



ELIANE ROSE VAZ CABRAL NERY

Formou-se pelo Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, em 1975, hoje administrado pela UNIRIO. Iniciou sua experiência profissional, como estagiária no Setor Educativo do museu. Na Fundação Oswaldo Cruz, 1976, desenvolveu técnicas específicas à tipologia do acervo durante o Projeto de implantação do Museu Oswaldo Cruz. Entre 1978-1981, realizou projetos de preservação e catalogação de acervos. No MHN, a partir de 1982, adquiriu novas experiências na Seção de Catalogação, principalmente junto às relevantes coleções de cerâmica e armas da instituição. Respondeu, interinamente, pelo Projeto de Catalogação na Seção de Catalogação e Reserva Técnica do MHN. Co-autora do Manual de Catalogação, para a Seção do mesmo nome, e colaboradora na execução do Thesaurus para Acervos Museológicos. Em 1987, a transferência para o Departamento de Numismática do MHN muito contribuiu para o crescimento profissional. Como chefe do setor (2001-2012) contribuiu para a preservação e pesquisa do considerável patrimônio. Escreveu artigos para os Anais do Museu Histórico Nacional, revistas, livros e catálogos, nacionais e estrangeiros. Realizou conferências em Congressos de Numismática, em Madri-2003 e 2008, no Museu Arqueológico Nacional - Madri, Museu de América-Madri, Instituto Goethe, Alemanha, 1992. Entre os principais trabalhos destacam-se: artigos para o Catálogo “Moedas Portuguesas da Época dos Descobrimentos na Coleção do Museu Histórico Nacional 2000; exposição “As Moedas contam a história”, 2001, Inventário geral da Coleção Numismática, 2010, Catálogo da Coleção Brasileira de Moedas nas Coleções do Museu Arqueológico Nacional - Madri, 2008; Colaboradora Emérita da Marinha do Brasil. Minha gratidão a Deus pela escolha dessa extraordinária. profissão.



IVAN COELHO DE SÁ

2022: 100 anos do MHN e 90 anos do Curso de Museus!

Quanta história!

O MHN é importante referência para mim por tudo que representa para a Museologia e também, em termos pessoais, por ter sido a instituição onde realizei meu primeiro trabalho recebendo salário como museólogo. Indicado pela querida Lucila de Moraes Santos, participei de um projeto da FINEP, coordenado por Helena Ferrez, quando tive a oportunidade de mergulhar no instigante universo da dita Documentação Museológica.

Uma experiência marcante! Ainda pelas mãos da saudosa Lucila, ingressei na carreira docente. Um encontro decisivo e a descoberta da docência como um projeto de vida e trabalho. Nestes mais de 30 anos como professor, aprendi muito mais do que pude 'ensinar'.

Estas vivências no MHN e na Escola de Museologia da UNIRIO, importantes pilares da formação e da profissionalização em Museologia no Brasil, levaram-me a constatar o quanto eram tênues os limites entre a História e as 'estórias' destas instituições e como isso fragilizava nossas bases epistêmicas.

E a necessidade imperiosa de investir em Pesquisa e na (re) construção da História e da Memória como forma de refletir sobre as questões do campo. E o quanto o autoconhecimento deste campo pode contribuir para seu fortalecimento como campo disciplinar, bem como para o entendimento do papel histórico e da real importância da Museologia e do Museu nos processos de transformação da sociedade.

E acredito que esta linha de raciocínio sintetiza minha atuação profissional e a relação que tive com o MHN e que tenho, até a atualidade, com a formação em Museologia.

**JULIA MORAES**

Graduei-me em Museologia pela UNIRIO em 2005 e retornei à mesma Escola ao final de 2010, como professora, na área de Museologia e Comunicação. Desde então, venho atuando na formação de profissionais sensíveis e comprometidos com a função social e a dimensão pública dos museus e atentos às relações diversas e plurais entre esses e os públicos, com destaque à complexa, desafiadora e rica experiência da exposição curricular. Como laboratórios de ensino e aprendizagem em Museologia, as exposições curriculares suscitam investimentos teóricos, técnicos e humanísticos de todos os envolvidos, entre alunos em formação e professores em permanente ressignificação. Tais experiências nos compelem a dialogar com temas e problemáticas contemporâneos da sociedade, dos museus e da Museologia, e revelam quanto o caminho da escuta é necessário e vital. Acreditando em museus e numa Museologia que podem servir à vida e à supressão de desigualdades, venho trilhando itinerários que valorizam as construções de narrativas de maneira participativa. Neste sentido, entendo que a mediação entre valores e sujeitos sociais diversos que conformam e performam os museus é, hoje, o grande desafio e espaço de atuação da(o)s museóloga(o)s.



JUNIA GOMES DA COSTA GUIMARÃES E SILVA
LEDA MARIA THOMITÃO GOMES DA COSTA

A coincidência de um encontro entre mãe e filha, entre oportunidades e possibilidades, através do Curso Superior de Museus, em 1970.

Estávamos no momento certo, na hora e local certos. O vestibular para o Curso do Museu Histórico Nacional, foi um desafio vencido a 4 mãos. Mamãe, Leda Gomes da Costa, muito anos após ter concluído o 2º grau, decidira-se pelo retorno aos estudos acadêmicos. Seria uma chance de se dedicar a atividades voltadas para áreas do conhecimento que lhe eram tão significativas.

Passamos! Mergulhamos de cabeça em um território incrível, repleto de surpresas. O principal desafio era trabalhar com acervos e coleções de “verdade” que faziam parte da história e da memória do país. Não eram “lendas da carochinha”, eram artefatos de verdade, criados em um dado espaço-tempo. Para além dos objetos, os professores, cada qual, mais interessante que o outro. Que satisfação assistir aulas de História da Arte, com Anna Barrafato, que dramatizava como ninguém, a entrada em um Templo Egípcio!

Assim que formamos, fomos convidadas a participar da criação do Museu dos Esportes, 1º museu de esportes do Brasil, situado no Estádio do Maracanã. Lá ficamos até a criação do novo estado do Rio de Janeiro, quando mamãe fez um concurso para a recém-criada FUNARJ e eu segui viagem em outra direção. A história é longa, melhor pararmos por aqui.

Em nenhum momento pensamos em voltar ou desistir, apesar dos obstáculos. Resistir era a palavra de ordem. Quantas amigas surgiram e quantos amigos ficaram pelo caminho! Mas estamos aqui ainda, marcando presença, tentando manter os espaços ocupados e produtivos, criando condições para a preservação dos objetos e monumentos que sobreviveram aos tempos.



LUDMILA LEITE MADEIRA DA COSTA

A primeira instituição de ensino regular de Museologia das Américas é a Escola de Museologia UNIRIO, herdeira do Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional criado em 1932. É uma enorme satisfação exercer a docência nesta instituição, meu curso de formação, onde me graduei Bacharel em Museologia no ano de 2010.

A experiência de trabalho na coordenação do Curso de Museologia trouxe-me uma visão mais realista de como foi difícil manter esse curso em nosso país. Foram criados outros cursos neste mesmo continente e naquele período - primeiras décadas do século XX -, mas nenhum conseguiu ser mantido por tanto tempo, 90 anos ininterruptos! Ao longo da trajetória do curso estiveram no cargo de coordenação pessoas que levaram adiante "passando o bastão", um sonho quase impossível de ser realizado em nosso país, formar profissionais específicos para o trabalho em museus, os museólogos. Aquelas e aqueles que nos antecederam lutaram bravamente e se doaram muito para que chegássemos até aqui, formando profissionais em um campo singular, cujo perfil alia prática e pensamento abstrato, feição profissional que só existe, desse modo, no Brasil.

É uma honra trabalhar onde me formei e compartilhar com meus mestres, hoje colegas, o cotidiano e os desafios da sala de aula e do ensino da Museologia no Brasil. Cuidar de quem vai cuidar do nosso patrimônio é uma missão muito linda que abracei desde que entrei na Escola de Museologia UNIRIO. Espero cooperar cada vez mais para o crescimento do campo em nossa sociedade, tão necessitada em reconhecer suas próprias memórias em toda sua complexa diversidade na qual são construídas.

E, o mais emocionante é que quanto mais me disponho a ensinar, mais aprendo com nossos futuros museólogos e museólogas! Gratidão.

**MÁRIO CHAGAS**

O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL E A ESCOLA DE MUSEOLOGIA ME HABITAM

Em 1976, o Museu Histórico Nacional e a Escola de Museologia nasceram em mim. Nasceram juntos e juntos continuaram me habitando por algum tempo, pelo menos até 1979. Naquele ano o Curso de Museologia, como era denominado, ainda ocupava uma grande ala do Museu Histórico Nacional.

Depois de ter concluído em 1975, com relativo êxito, o Curso Técnico em Mecânica na Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, no Maracanã (RJ), decidi que não queria ser um técnico. Ainda assim, fui trabalhar, por motivos da vida prática, na Fábrica Nacional de Motores (FNM), em Xerém (RJ). Nesse mesmo ano fiz o vestibular (como se dizia) mirando o Curso de Museologia. Fiz o vestibular e continuei trabalhando na FNM.

No final de 1975 ou no começo de 1976 (já não lembro), recebi no telefone da FNM, na linha de montagem dos cabeçotes do motor do Alfa Romeo, uma ligação da professora e coordenadora do Curso de Museologia, conhecida como Ana Barrafato. A professora me disse: “meu jovem, você foi aprovado em terceiro lugar no Curso de Museologia, sua nota é muito alta, vamos gostar de ter você como aluno, o seu prazo para matrícula é amanhã”. Confesso: eu não sabia que tinha sido aprovado. Cheguei feliz em casa. No dia seguinte faltei ao trabalho e fui fazer minha matrícula. Quando me apresentei para Dona Ana Barrafato – eu tinha os cabelos compridos, muitas pulseiras, bolsa a tiracolo, bata branca, calça abaixo do umbigo e um chileno de pneu – ela me olhou de cima a baixo e disse, mexendo numa verruga do rosto, se eu soubesse que era você eu não teria ligado. Eu sorri sem graça. Sem ter o que dizer, eu disse: É a vida!

Depois da matrícula feita passei por dias de ansiedade. Na FNM mudei meu regime de trabalho. Passei a trabalhar à noite. Saindo de casa por volta das 18 horas e trabalhando na fábrica até às 5 horas da manhã. Da fábrica eu ia direto, num ônibus da própria FNM, para o Centro da Cidade e descia em frente ao MHN. Nesse tempo, que teve a duração de 6 meses, eu era o primeiro a chegar. E sentava no batente da entrada da Santa Luzia, aguardando a abertura dos portões para os servidores e para os estudantes.

A minha primeira aula no Curso de Museologia não foi ministrada pela professora escalada, mas sim, por Clóvis Bornay. Na verdade, ele fez uma visita guiada ao MHN e nos apresentou as suas narrativas. Não lembro nada do que ele disse, lembro apenas da sua figura carismática, de sua voz, de seu humor e do encantamento que ele provocou em todos nós.

A minha turma foi a primeira a se formar na Escola de Museologia, na Unirio e, por isso mesmo, fizemos questão de que nossa formatura fosse realizada no Museu Histórico Nacional. No MHN fui estudante, estagiário, profissional, pesquisador e chefe de departamento. Tenho orgulho de, desde cedo, ter resistido intelectualmente à figura dominante de Gustavo Barroso. Na escola de Museologia fui estudante, professor, diretor. Tenho igualmente orgulho por, desde cedo, ter trabalhado para deixar claro que quem fundou a Escola de Museologia foi Rodolfo Garcia e não Gustavo Barroso.

O Museu Histórico Nacional e a Escola de Museologia, mesmo separados, continuam habitando a minha vida.



PEDRO COLARES HERINGER

Cheguei ao MHN em 2015, vindo de cinco anos de experiência no Museu de Arqueologia de Itaipu. Lembro que nos primeiros dias, meus novos colegas brincaram comigo por carregar sozinho um arquivo de aço e montar meu próprio computador. Estava acostumado a fazer de tudo, desde visita mediada, passando por Plano Museológico e até limpar a calha quando necessário.

Desde sua fundação até os dias de hoje, o MHN é referência em práticas museológicas e instituição piloto da maioria dos projetos do Instituto Brasileiro de Museus. Se os técnicos do MHN podem se debruçar sobre o trabalho, e fazê-lo com alguma tranquilidade, é porque sabem que todas as necessidades essenciais estão sendo cobertas por uma equipe de apoio grande e comprometida e que integra os quadros do museu – em boa parte – há muitos anos. Fica meu reconhecimento.

Não que as coisas sejam fáceis. Não são. Quase metade dos servidores (que já são bem menos que o ideal) tem idade para se aposentar, o orçamento mal dá conta dos contratos básicos, não há computadores para todos os funcionários e ainda tivemos que lidar com “ordens superiores” sugerindo alterações nas exposições do Museu.

Mas, apesar de tudo, o MHN continua forte e cada vez maior. A pluralidade e a diversidade estão sendo institucionalizadas. Outras pessoas, outros grupos e outras histórias passam, agora, a fazer parte do discurso do Museu tornando-o capaz de retratar a sociedade brasileira de maneira mais equânime, trazendo para os holofotes aqueles que estiveram invisibilizados por tempo demais.

**TERESA SCHEINER**

CINQUENTA ANOS DE ENSINO DA MUSEOLOGIA

Aniversários são ocasiões importantes em que rememoramos vivências, experiências e fatos marcantes de nossas vidas. O mesmo acontece no âmbito institucional: aniversários pontuam acontecimentos relevantes, que integram a trajetória de cada comunidade profissional ou instituição. Neste mês de dezembro de 2022, ao comemorar o Dia do Museólogo, estaremos encerrando um ano atravessado por datas marcantes e muito significativas para a Museologia brasileira: o centenário do Museu Histórico Nacional; os cinquenta anos da Mesa de Santiago; e os noventa anos do ensino formal da Museologia no país. É uma ocasião para celebrarmos a importância de nossa profissão na defesa, estudo, preservação, valorização e reconhecimento de nossos patrimônios. E aqui lembraria a importância fundamental, estratégica, dos cursos e programas de formação em Museologia.

Pensar sobre a formação no campo museológico faz relembrar minha trajetória profissional, que inclui, entre muitas outras experiências, um largo número de anos dedicados à formação de museólogos: em março de 2023, serão cinquenta anos como docente - quarenta e cinco na Graduação e dezessete na Pós-graduação. É uma longa trajetória, que abrange mais de dois terços da minha vida e que se iniciou em 1967, como aluna do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional; transformou-se em 1973, quando assumi o trabalho docente, ainda no Museu; e prosseguiu na UNIRIO, quando o Curso para lá se transferiu, transformando-se em Escola de Museologia.

Ao longo destas cinco décadas ministrei disciplinas ligadas às funções essenciais dos museus: documentação, conservação preventiva, gestão de museus e do patrimônio musealizado, comunicação, com ênfase especial no planejamento e desenvolvimento de exposições - experiência que incluiu a supervisão das exposições curriculares do Curso (1980 - 1997). Participei também, entre 1973 e 2000, de todas as alterações curriculares do Curso de Graduação, como responsável pela introdução de novas disciplinas e reformulação das já existentes; e como Diretora da Escola de Museologia (1994 - 2000). A estrutura curricular implantada entre 1997 e 2000 incluiu o ensino da teoria museológica e da teoria do patrimônio, com a inserção de disciplinas específicas, sendo uma delas experimental:

Museologia 03 - Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável, articulada em torno da leitura e discussão de textos emblemáticos da teoria, num passo rumo à pós-graduação. O passo seguinte foi o desenvolvimento da proposta de criação da Pós-graduação stricto sensu em Museologia, aprovada pela CAPES e implantada na UNIRIO em agosto de 2006, na modalidade Mestrado; e em 2011, na modalidade Doutorado, ambas em convenio com o MAST. Mais que uma Escola de Graduação, a área da Museologia na UNIRIO constitui hoje uma escola de pensamento e um lugar de ensino/aprendizado de práticas altamente qualificadas.

Nestes cinquenta anos, participei da formação e qualificação de algumas centenas de museólogos - bacharéis em Museologia, Mestres e Doutores em Museologia e Patrimônio - que hoje têm atuação destacada à frente de importantes museus nacionais e comunitários; institutos de pesquisa e conservação do patrimônio; ou representando a nossa Museologia em organismos nacionais, latino-americanos e internacionais voltados para a defesa e valorização do patrimônio e dos museus: IPHAN, Secretarias de Cultura, ICOM, UNESCO, ICOMOS, IUCN; e ainda o COFEM e os COREMs. Muitos deles se dedicam ao magistério e ocupam cargos de Coordenação e Direção em cursos de graduação e pós-graduação em Museologia, no país e no exterior; alguns criaram novos cursos e programas em diferentes estados brasileiros. Um número significativo viu seus projetos, dissertações e teses serem premiados pela excelência; outros contribuíram e contribuem com novos construtos, que ajudam a consolidar a Museologia como campo disciplinar. Acompanho com orgulho e alegria as trajetórias desses egressos: são a minha “família museal”, uma “seara” que causa grande impacto no campo cultural brasileiro e internacional, e torna a nossa Museologia cada vez mais valorizada e respeitada.

Toda essa experiência enriqueceu profundamente minha trajetória pessoal: naturalmente combativa, tornei-me mais paciente, mais inclusiva, mais aberta às diferenças. Aprimorei o gosto pelo trabalho em equipe e pelas metodologias participativas, que se alimentam da escuta recíproca entre atores e das interfaces com outros campos do saber. Quando julguei necessário, elevei a voz em defesa de propostas relevantes, como: a habilitação dos bacharéis para museus de ciências e tecnologia; a regulamentação da profissão de Museólogo; a criação de uma rede latino-americana de pesquisa e produção teórica em Museologia, nos idiomas da Região; a discussão das diretrizes curriculares do MEC para a Museologia; o apoio a Paraty como Patrimônio da Humanidade; o apoio à legislação sobre o uso de áreas públicas por portadores de deficiências; a promoção da ética e da inclusão na prática em museus. Em outros momentos, optei por indicar de forma sutil, em meus escritos, minhas posições e opiniões (elas lá estão, para quem tem olhos de ver).

Considero minha trajetória um privilégio - por ter sido aluna de um curso de excelência, com professores emblemáticos, que marcaram para sempre minha percepção da sociedade, da cultura, do museu e do patrimônio; por ter sido escolhida para atuar como docente na mesma casa onde me formei - e onde sempre tive a liberdade de propor e realizar as mudanças que me pareceram necessárias, em movimentos de inovação e transformação. Tive e tenho grandes colegas: alguns, ex-alunos; outros, especialistas de campos afins, que aderiram ao ensino da Museologia. Juntos, integramos um corpo de profissionais que vem pautando seu trabalho numa dinâmica de liberdade, escuta recíproca, respeito mútuo e reconhecimento. Nossos encontros, nos colegiados e eventos, são atravessados pela alegria da convivência. Em todos os momentos, atuei e atuo de forma aberta, desarmada, buscando agregar valor a esta profissão que tanto amo. E aprimorando todos os dias meu conhecimento e minha experiência - porque mestre não é aquele que apenas ensina; é o que, ensinando, sempre aprende.



Escola de Museologia, 2005. Conferencia de D. Lygia Martins Costa. Presentes na foto com D. Lygia, entre outros, Profs. Maria Gabriella Pantigoso, Teresa Scheiner e Marcio Rangel.
Foto: autor não identificado.



PPG-PMUS, 2007. Reunião da Comissão Executiva. Lena Vania Pinheiro, IBICT; Luiz Borges, MAST; Deusana Machado, CCBS/UNIRIO; Teresa Scheiner, CCH/UNIRIO; Marcus Granato, MAST.
Foto: T. Scheiner.



MHN, 2008 - Cerimônia de Outorga - Medalha do Mérito Museológico. Teresa Scheiner e Rita de Cássia de Mattos.
Foto: L. Scheiner



UNIRIO, 2012 - Aniversário de 80 anos da Escola de Museologia. Com Maria Emília Mattos e Maria Augusta Pontual Coelho: turma de 1967.
Foto: autor não identificado.



UNIRIO, 2011 - 79 anos da Escola de Museologia. Professores da 3a. Geração docente: Avelina Addor, Mario Chagas, Libia Schenker, Ivan de Sá, Liana Ocampo, Teresa Scheiner, com Therezinha Sarmiento (2a. geração docente).
Foto: autor não identificado.

C O N T A T O S

Av. Presidente Vargas, 633/ sala 1214 - Centro

Rio de Janeiro - RJ

CEP: 20071-004

Tel.: (21) 96470-6083

corem2r@gmail.com

Horário de funcionamento: seg. a sex. das 9:00 às 15:00

REALIZAÇÃO
COREM 2R

dez / 2022
.....